

BIBLIOTECA NO JAPÃO: DA GÊNESE À CONTEMPORANEIDADE

Library in Japan: from genesis to contemporaneity

Alexander Willian Azevedo

Doutor em Ciência da Informação.
Universidade Federal de Pernambuco, Recife,
Pernambuco, Brasil.
alexander.azevedo@ufpe.br
<http://orcid.org/0000-0001-9798-4509>

RESUMO

O estudo examina a evolução das bibliotecas no Japão, desde a sua origem até os dias atuais, traçando um panorama abrangente desse dispositivo educacional e cultural ao longo da história japonesa. O **objetivo** principal da pesquisa foi analisar como as bibliotecas contribuíram para a disseminação do conhecimento, a preservação da cultura e a construção da identidade japonesa. Para alcançar esse objetivo, adotou-se como **procedimento metodológico** a pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, que possibilitou observar nos **principais resultados**, a relevância contínua das bibliotecas no Japão, não apenas como locais de armazenamento de informações, mas também como centros de difusão cultural e intelectual, no percurso histórico do Japão. Destaca as transformações contemporâneas enfrentadas pelas bibliotecas japonesas, à medida que se adaptam às demandas da era digital e buscam preservar o rico patrimônio bibliográfico do país.

Palavras-chave: Biblioteca; Japão; História das bibliotecas; Bibliotecas no Japão.

ABSTRACT

This study examines the evolution of libraries in Japan, from their origins to the present day, providing a comprehensive overview of this educational and cultural institution throughout Japanese history. The main objective of the research was to analyze how libraries have contributed to the dissemination of knowledge, the preservation of written culture, and the construction of Japanese identity. To achieve this objective, a qualitative bibliographical research approach was adopted as the methodological procedure, which made it possible to observe, in the main results, the continued relevance of libraries in Japan, not only as places for storing information but also as centers of cultural and intellectual dissemination throughout Japan's historical development. The study highlights the contemporary transformations faced by Japanese libraries as they adapt to the demands of the digital age while seeking to preserve the country's rich bibliographic heritage.

Keywords: Library; Japan; History of libraries; Libraries in Japan.

Os documentos publicados neste periódico estão licenciados com [Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)



1 INTRODUÇÃO

"A biblioteca é um templo do saber, um farol de cultura e um guardião da memória coletiva"
(Murakami, Haruki; 2014)

A história da biblioteca no Japão é um tema fascinante que permite explorar a evolução da instituição de preservação do conhecimento ao longo dos séculos. As bibliotecas estiveram presentes na formação, difusão da cultura e educação no Japão, contribuindo para o desenvolvimento intelectual e social.

Para Pereira e Suzuki (2006), a biblioteca pode ser considerada um local sagrado, onde a história e o conhecimento se entrelaçam. No Japão, esse conceito é ainda mais evidente, dada a profunda relação histórica entre a preservação de textos sagrados, manuscritos seculares e a criação de espaços para a educação formal e informal. Desde as primeiras bibliotecas privadas estabelecidas durante o período *Nara* (710-794 d.C.), até as modernas unidades de informação na atual era japonesa denominada período *Reiwa* (2019-presente), as bibliotecas testemunharam e moldaram a trajetória educacional e cultural do país.

Apesar da presença contínua das bibliotecas na história japonesa, é importante refletir sobre a questão central que motivou este estudo: como as bibliotecas foram se adaptando às transformações políticas, culturais e tecnológicas ao longo dos séculos no Japão? Em uma nação que passou por períodos de isolamento, guerras e, posteriormente, por uma modernização acelerada, na qual as bibliotecas destacaram na manutenção e disseminação de conhecimento, mas também enfrentaram desafios e transformações profundas.

Esse estudo buscou responder esta pergunta analisando a evolução das bibliotecas no Japão em diferentes contextos históricos, entendendo como as bibliotecas foram moldadas pelas forças sociais e políticas de cada época, com objetivo de traçar uma análise cronológica e detalhada da trajetória das bibliotecas no Japão, abordando suas mudanças, influências externas e impactos sociais.

Procurou-se compreender a função das bibliotecas como instrumentos de poder e educação, durante os períodos históricos, também conhecidos por *Eras* no

Japão, em que o país passou por fases intensas de mudanças e transformações políticas e sociais.

A história das bibliotecas no Japão remonta a séculos de tradição e evolução, desde os primeiros registros escritos no país, as bibliotecas tiveram presentes na herança cultural japonesa. Nesse prisma, compreender o contexto histórico das bibliotecas remete apreciar a importância desta instituição na formação da identidade nacional japonesa.

2 BIBLIOTECAS NO JAPÃO ANTIGO: ORIGEM E INFLUÊNCIA ENTRE OS PERÍODOS JOMONAO NARA

A origem das bibliotecas no Japão está intimamente ligada às influências culturais da China, que inferiu no desenvolvimento na prática da escrita e na disseminação da cultura na região asiática. De acordo com Yamamoto (2007), as primeiras bibliotecas japonesas foram influenciadas diretamente pelos modelos chineses de bibliotecas.

Os elementos históricos na formação das bibliotecas no Japão podem ser extraídos desde o período *Jomon* (14.000 a.C. a 300 a.C.) até o período *Nara* (710 a 794d.C.), refletindo as mudanças sociais, culturais e tecnológicas que moldaram a sociedade japonesa (Henshal, 2004).

O período *Jomon* foi caracterizado por uma sociedade de caçadores-coletores que, embora sofisticada em termos de arte e cerâmica, não possuía um sistema de escrita ou bibliotecas no sentido moderno. A principal forma de transmissão de conhecimento neste período foi a oral, e através de artefatos como as cerâmicas decoradas que preservaram as histórias e tradições (Ueda, 1968).

Com a transição para o período *Yayoi* (300 a.C. a 300 d.C.), o Japão experimentou uma série de mudanças em sua estrutura de sociedade, incluindo a introdução da agricultura, que levou ao desenvolvimento de comunidades. Este período trouxe a influência da escrita chinesa através de intercâmbios culturais com a China e a Coreia, marcando o início da documentação escrita (Shindo, 2022).

No entanto, as bibliotecas ainda não existiam como instituições organizadas, em vez disso, o conhecimento era mantido principalmente em registros escritos em pergaminhos e registros administrativos, como evidenciado pelos primeiros documentos históricos e registros administrativos encontrados em sítios arqueológicos (Henshal, 2004).

Já o período *Kofun* (300 a 538 d.C.) foi um tempo de intensificação das influências chinesas e coreanas no Japão, incluindo a introdução do sistema de escrita chinês e do confucionismo que é uma filosofia moral e política chinesa, baseada nos ensinamentos de Confúcio, que valoriza a harmonia social, a ética, o respeito às hierarquias e às tradições familiares, e do budismo que constitui de uma filosofia e religião fundada por Siddhartha Gautama, conhecido como Buda Shakyamuni (Iluminado) que busca a cessação do sofrimento através do caminho do autoconhecimento, ética e meditação (Nakamura, 2009).

Assim, o período *Kofun* é reconhecido principalmente pela formação do estado japonês primitivo e pelo desenvolvimento de grandes túmulos funerários (*kofun*), e não por uma cultura literária formal ou pela preservação organizada de documentos escritos, ou seja, não há registros históricos claros da existência de bibliotecas no Japão, seja no sentido particular ou público, como as entendemos hoje no período *Kofun* (Yamamoto, 2007).

As razões pela ausência de bibliotecas no período *Kofun*, destaca-se o baixo nível de alfabetização e a escrita ainda não amplamente divulgada no Japão. O sistema de escrita chinesa somente foi introduzido no Japão por volta do século V d.C., através de contato com a China e a Coreia. Mesmo após sua introdução, a alfabetização era limitada a uma elite muito pequena, composta por membros da corte e religiosos (Sugimoto, 2003).

A cultura japonesa, assim como muitas culturas antigas, dependeu fortemente da tradição oral para a transmissão de conhecimento, mitos e histórias, como resultado, não havia uma demanda organizada por acervos escritos para compor uma biblioteca (Ueda, 1968).

Embora não houvesse bibliotecas formalmente estruturadas, o surgimento de registros escritos e a construção de tumbas ricas em artefatos, refletiam a crescente importância registrada ao conhecimento, como os túmulos *Kofun*, que frequentemente continham itens de valor, indicando a preservação do conhecimento e da cultura (Nakamura, 2009).

Já no período *Asuka* (538 a 710 d.C.) o conceito de bibliotecas começou a consolidar de forma concreta com a disseminação do budismo no Japão, que proporcionou a formação das primeiras bibliotecas em terras nipônicas. Os templos budistas, como o templo *Horyu-ji*, fundado pelo imperador Yomei e ampliado pelo imperador Shomu, é conhecido por seu acervo de textos antigos e manuscritos, que foram preservados e estudados pelos monges budistas, marcando o início da organização do conhecimento em biblioteca no Japão (Suzuki, 2003).

A influência do budismo e a adoção do sistema de escrita contribuíram para o desenvolvimento gradual das bibliotecas no Japão, estabelecendo as bases para a criação de instituições dedicadas à preservação e disseminação do conhecimento. O processo foi um reflexo das transformações culturais e sociais que moldaram a evolução das bibliotecas no Japão, desde suas origens rudimentares até a consolidação de práticas de documentação e preservação mais sofisticadas (Suzuki, 2003).

Durante o período *Asuka* (538 a 710 d.C) e o período *Nara* (710 a 794 d.C), a cultura e a religião budista tiveram uma participação ativa na formação das bibliotecas no Japão antigo. Os sutras budistas, trazidos da China, foram copiados e preservados nas bibliotecas dos templos budistas, conhecidas como *kyōkan*, que foram ambientes de estudo, aprendizado de meditação e propagação da fé budista, na qual os monges e estudiosos se reuniam para copiar e estudar os textos sagrados em pergaminhos de seda ou papel, utilizando técnicas chinesas de caligrafia e encadernação (Shindo, 2022).

Vale destacar que a consolidação do imperador no Japão como figura simbólica e religiosa, ocorreu no período *Nara* (710-794d.C), embora suas raízes

estejam em períodos anteriores, o Japão buscou centralizar o poder no império e estruturou seu sistema governamental com base no modelo chinês (Suzuki, 2003).

O *Kojiki* (*Crônica de Assuntos Antigos*), a mais antiga compilação de histórias japonesas, sendo primeiro texto xintoísta, estabelece a família imperial como descendente direto da deusa Amaterasu Omikami, o que a torna o alicerce da cultura japonesa (Luiz, 2021). Esse sistema de governança influenciado pelas tradições religiosas também teve impacto no desenvolvimento das bibliotecas, pois não apenas consolidaram a estrutura política, mas também estabeleceram as bases para a formação das bibliotecas como instituições de preservação da cultura e do poder (Bueno; Shoji, 2023).

No período *Nara*, a influência chinesa também se estendeu à organização e disposição física das bibliotecas, como a famosa Biblioteca de *Xianyang*, foi referência para os monges japoneses na construção das bibliotecas em templos e mosteiros (Pereira; Suzuki, 2006).

Os sutras budistas que são escrituras sagradas que contêm os ensinamentos do Buda, transmitidos oralmente e posteriormente escritos por seus discípulos denominados de bodhisattva, foram organizados em seções nas bibliotecas e classificados por temas, nas estantes e armários projetados para acomodar e preservar adequadamente os materiais (Yamamoto, 2007).

O período *Nara* testemunhou a introdução de práticas da catalogação e a tradução de textos clássicos chineses, o que ampliou o acervo bibliográfico da época. O famoso registro histórico *Nihon Shoki*, ou "*Crônicas do Japão*", é uma das principais fontes dos contos mitológicos japoneses, exemplo de obra primordial que foi compilada no período *Nara* sob ordem do príncipe Toneri no Miko (676–735d.C.), que teve sua preservação facilitada pela biblioteca (Sansom, 1958).

Durante o período *Nara*, quando as primeiras bibliotecas eram estabelecidas, o xintoísmo começou a interagir com a literatura, documentação e os espaços de armazenamento de informação (Bueno, 2023).

O xintoísmo é uma das religiões mais antigas e presente no Japão, sendo caracterizada pela veneração dos *kami*, que são deuses ou espíritos que

representam forças da natureza, ancestrais e elementos do cotidiano, não possui textos sagrados definidos ou uma estrutura doutrinária rígida, sendo centrado em práticas e rituais comunitários, realizados principalmente em santuários (Luiz, 2021).

A prática do xintoísmo está profundamente entrelaçada com a vida cultural e social do Japão, influenciando rituais, festivais e tradições, desde a sua origem, acredita-se que o xintoísmo promove a harmonia entre os seres humanos e o mundo natural, o que também reflete uma busca por conhecimento e sabedoria (Bueno; Shoji, 2023).

A relação do xintoísmo com as bibliotecas no Japão se manifesta em vários níveis, particularmente na preservação de textos sagrados e na promoção da educação e do conhecimento.

Os templos xintoístas, que frequentemente serviam como centros comunitários, acabaram sendo locais onde os textos religiosos e históricos eram armazenados e copiados. A necessidade de registrar rituais, mitos e a genealogia dos *kami* levaram à criação de documentos escritos, e, conseqüentemente, a formação das primeiras bibliotecas (Bueno; Shoji, 2023).

Essas bibliotecas não apenas preservaram a cultura escrita, mas também promoveram a educação sobre a religião xintoísta e suas tradições, tornando, assim, a base para a manutenção da identidade cultural japonesa ao longo dos séculos.

Os monges e estudiosos também tiveram participação ativa na coleta, cópia e conservação de obras em bibliotecas privadas, garantindo que o conhecimento fosse transmitido às gerações futuras (Henshal, 2004).

2.1 As bibliotecas no Japão entre os períodos *Heian* ao *Sengoku*

A transição das bibliotecas no Japão, entre os períodos *Heian* (794 a 1185 d.C.) ao *Sengoku* (1467 a 1603 d.C.), foi moldada por uma combinação de fatores culturais, políticos e religiosos. Durante esses séculos, as bibliotecas, como instituições de preservação do conhecimento, passaram a tomar forma sob a

influência do budismo e do xintoísmo, além das estruturas feudais que emergiam (Sugimoto, 2003).

O período *Heian* é frequentemente lembrado como uma era de esplendor cultural e artístico, com a capital japonesa estabelecida em *Heian-kyō* (atual *Kyoto*). Esse período ocorreu o surgimento da classe aristocrática que valorizava profundamente a cultura literária que floresceu com obras como "*Genji Monogatari*" (O conto de Genji), escrita por Murasaki Shikibu, um marco literário mundial, considerado o primeiro registro documentado de romance na história da sociedade, escrito por uma mulher, que além de romancista, foi poetisa e dama de companhia na corte imperial durante o período *Heian* (Varley, 2000).

Ao mesmo tempo, o budismo continuou a se expandir, especialmente as escolas: *Tendai* e *Shingon*, que fundaram diversos templos e mosteiros, tornando centros de aprendizado e preservação de textos sagrados. Os monges como *Saichō* (fundador da escola *Tendai*) e *Kūkai* (fundador da escola *Shingon*) foram figuras primordiais na introdução de textos budistas chinês no Japão e na criação de bibliotecas monásticas (Nitta, 2001).

Esses templos mantinham em suas bibliotecas, vastas coleções de sutras budistas, que serviram não apenas para a prática religiosa, mas também como um meio de preservação do conhecimento filosófico e científico da época, conforme foi possível observar em *Shōsō-in* (Casa do Tesouro) no templo *Tōdai-ji* em Nara, que preservava mais de dez mil documentos (Ueda, 1968).

Ao longo do período *Heian* (794 a 1185 d.C.), os mosteiros budistas funcionaram como centros de aprendizado, e as bibliotecas surgiram principalmente em templos, guardando textos religiosos, científicos e literários. A classe aristocrática, com destaque o clã *Fujiwara*, acumulou grandes coleções de textos, vários adquiridos da China, consolidando a ideia de bibliotecas privadas aristocráticas (Sugimoto, 2003).

Os nobres como *Fujiwara no Michinaga*, político japonês que representou o auge do controle do Clã *Fujiwara* no governo do Japão no início do século XI,

mantinham coleções de obras literárias e filosóficas, que mais tarde tornaria parte do patrimônio cultural no Japão (Sugimoto, 2003).

Com o fim do período *Heian* e a ascensão do *xogunato Kamakura*, o poder deslocou-se dos aristocratas para os guerreiros samurais. A nova classe tinha em dominante, o interesse diferenciado em comparação com a aristocracia *Heian* que prezava a cultura literária (Jie, 2013).

O xogunato foi um sistema de governo militar que prevaleceu no Japão entre o final do século XII e meados do século XIX, centralizado na figura do xogum (ou *shōgun*), um título concedido pelo imperador a generais de alta patente que assumiam o controle político e militar do país (Futida, 2001).

Embora no Japão o imperador continuasse a ser uma figura simbólica e espiritual importante, com seu poder teórico emanando da sua linhagem divina, o xogum de fato detinha o poder executivo e comandava o país em termos administrativos e militares (Fonseca, 2022).

Este sistema surgiu como uma resposta às crescentes tensões internas e ao enfraquecimento do poder imperial, que levou ao surgimento de lideranças militares locais mais fortes, conhecidas como *daimyos*, que foram poderosos senhores feudais no Japão, controlando grandes porções de terra e tinham exércitos de samurais a seu serviço (Ehara, 2011).

O primeiro xogunato foi *Kamakura*, fundado por Minamoto no Yoritomo em 1192, que inaugurou uma era de governo militar descentralizado, mas que manteve a influência do imperador como chefe do Estado (Jun'Ichi; Woodson, 2009).

No período *Kamakura* (1185 a 1333 d.C.), a escola budista *zen* tornou influente entre os samurais, em particular, pois trouxe novas ênfases em práticas meditativas e austeras, mas não deixou de lado a importância da transmissão do conhecimento. Os mosteiros como o templo *Kenchō-ji*, fundado por Hōjō Tokiyori em 1253, mantinham ricas coleções de textos religiosos e filosóficos, e muitos mosteiros *zen* atuavam como centros de ensino e aprendizagem (Futida, 2001).

Hōjō Tokiyori (1227 a 1263) foi um importante governante do clã *Hōjō* durante o período *Kamakura* no Japão, o quinto *Shikken* (regente) do xogunato *Kamakura*,

de 1246 até 1256, quando abdicou do cargo e se tornou monge budista, embora continuasse a exercer uma grande influência, implantando políticas de ampliação de bibliotecas em templos (Jie, 2013).

Os monges budistas *zen* tinham fortes laços com a dinastia chinesa *Song* (960 a 1279 d.C.), o que resultou na importação de diversos documentos nas bibliotecas nos mosteiros *zen*, integrando obras filosóficas e literárias, além do budismo, abrangendo conhecimentos chineses. O intercâmbio entre monges japoneses e chineses contribuiu para o aumento das coleções, e para a disseminação de conhecimento que influenciaram não apenas os religiosos, mas também a classe guerreira e da administração política (Santos, 2011).

Esse intercâmbio pode ser observado com destaque através dos monges Myoan Eisai (1141-1215 d.C.) e Eihei Dogen (1200-1253 d.C.) que viveram entre século XII e XIII. Myoan Eisai foi um monge budista japonês, fundador da escola *Rinzai* do budismo *zenno* Japão, que enfatiza a meditação (*zazen*) e os *kōans* (enigmas ou diálogos paradoxais) como ferramentas para alcançar o estado de iluminação (Futida, 2001).

Conhecido por suas viagens à China, onde estudou o budismo *zen* e o esotérico, Myoan Eisai é frequentemente creditado por trazer o chá verde para o Japão após suas viagens à China, sendo um dos primeiros a promover seu uso tanto para fins medicinais quanto espirituais. Em sua obra *Kissa Yojoki* (Livro da preservação da saúde pelo chá) é amplamente conhecida como uma das primeiras obras sobre os benefícios do chá verde no Japão (Eisai, 2012).

Já o monge Eihei Dogen fundador da escola *Soto* do budismo *zen*, reconhecido por seus ensinamentos sobre a meditação *zazen* e pela sua obra *Shobogenzo* (Tesouro do olho da verdade), um tratado filosófico e espiritual, teve uma relação expressiva com a China durante sua formação e desenvolvimento como monge e filósofo *zen*, responsável por gerar políticas de preservação dos documentos em templos (Dogen, 2015).

No período *Muromachi* (1336 a 1573 d.C.), o Japão voltou-se na centralização de poder sob o xogum *Ashikaga Yoshimitsu*, terceiro xogum da dinastia *Ashikaga*,

governando de 1368 a 1394, sendo conhecido por sua habilidade política e militar, tendo conseguido unificar o Japão em uma época de turbulência, promovendo as artes e o conhecimento em sua liderança (Benedict, 2014). Também incentivou o aumento do interesse por coleções literárias, ampliando as bibliotecas privadas no território japonês, à medida que a classe de guerreiros samurais, monges e até mercadores, buscavam expandir suas coleções (Sansom, 1958).

A chegada de missões chinesas e coreanas no Japão no período *Muromachi*, o comércio tributário e oficial com a dinastia *Ming* (China) e *Joseon* (Coreia) prosperou, com o Japão enviando produtos como espadas, cobre e leques, e recebendo seda, cerâmica, técnica de impressão com blocos de madeira coreanas e livros chineses, que resultou nessa troca cultural em uma maior diversidade nas coleções de obras de filosofia confucionista, literatura chinesa e textos ocidentais trazidos por missões cristãs pelos jesuítas (Futida, 2001).

Foi também durante o período *Muromachi* que *asshoin* (salas de estudo) foram criadas em mosteiros e residências de elite japonesa, onde estudiosos e membros da classe de samurai se reuniam para estudar e discutir literatura e filosofia, corroborando para o desenvolvimento de bibliotecas (Shindo, 2022).

Por volta de 1467, com o início da Guerra Ōnin (1467-1477), a ordem social e política começou a se desintegrar, quando o xogunato *Ashikaga* enfrentou uma grave crise de sucessão após a morte do xogum Ashikaga Yoshimasa. A disputa pelo poder entre facções rivais levou a um conflito armado que se concentrou em Kyoto, a capital cultural e política do Japão na época (Ehara, 2011).

Os principais protagonistas da guerra foram os clãs *Hosokawa* e *Yamana*, que apoiavam diferentes candidatos para o posto de xogum (*shōgun*). O confronto se estendeu rapidamente, transformando a cidade de Kyoto em um campo de batalha, resultando em devastação da cidade e um grande número de mortes (Jun'ichi; Woodson, 2009).

A partir desse momento, o país mergulhou em uma série de conflitos e guerras civis entre os *daimyos*, resultando no período Sengoku (1467-1603). Este foi um tempo de intensa luta pelo poder, onde diversas facções e clãs rivais competiram

para controlar territórios e influenciar a política japonesa. Assim, o *Sengoku* é visto como um período de guerra que ocorreu dentro do contexto mais amplo e prolongado do período *Muromachi* (Ehara, 2011).

O período *Sengoku* (1467 a 1603 d.C.), também conhecido como "*Período dos Estados Guerreiro*", apesar das guerras incessantes, as bibliotecas continuaram a prosperar, especialmente nos templos budistas, que mantinham sua função de "*guardiões do conhecimento*" (Nakamura, 2009).

Com a chegada dos portugueses no Japão em 1543, durante o período *Sengoku*, como primeiro contato direto ocorrendo quando um navio mercante chinês, transportando mercadores portugueses, foi desviado por uma tempestade e atracou na ilha de Tanegashima, ao sul do Japão (Thomaz, 1993).

Esse encontro inicial entre os dois povos resultou na introdução de novas tecnologias, como as armas de fogo, que teriam um impacto nos conflitos locais, além de iniciar o intercâmbio comercial e cultural entre o Japão e o ocidente (Larini; Costa; Menezes, 2023).

Os portugueses, ao lado de suas mercadorias, também trouxeram o cristianismo, com as missões jesuítas promovendo a conversão da população e apresentando novas ideias religiosas e filosóficas ao Japão (Carneiro, 2013).

Esse intercâmbio não se limitou à esfera comercial ou religiosa, com a chegada dos portugueses e das missões cristãs, especialmente pela Companhia de Jesus, missionários jesuítas, como o espanhol Francisco Xavier (1506 a 1552), considerado um dos fundadores da Ordem dos Jesuítas, e uma das personalidades mais importantes na expansão do cristianismo na Ásia, expôs ao Japão uma gama mais ampla de conhecimentos ocidentais (Larini; Costa; Menezes, 2023).

Os textos sobre medicina, navegação e outras ciências ocidentais passaram a fazer parte das coleções e do acervo intelectual japonês, e com a introdução das prensas de impressão pelos missionários jesuítas, facilitou a disseminação de obras religiosas e científicas (Thomaz, 1993).

Apesar dos desafios políticos e sociais do período *Sengoku*, o intercâmbio com portugueses preparou o terreno para um renascimento cultural e para a

consolidação das bibliotecas no início do período *Edo*, marcando avanço no desenvolvimento cultural do Japão, onde a paz relativa e a centralização do poder sob o xogunato *Tokugawa*, iria promover a fundação de bibliotecas públicas e privadas em uma escala sem precedentes na história do Japão(Carneiro, 2013).

2.2 As bibliotecas no período *Edo*

O período *Edo* (1603 a 1868 d.C.), ocorreram mudança na função das bibliotecas, especialmente as privadas dos *daimyos* que tornaram locais de estudos frequentada pela elite intelectual e guerreira, que podiam aprofundar seus conhecimentos e discutir assuntos literários, filosóficos e históricos (Nakamura, 2009).

De acordo com Jun'Ichi e Woodson (2004), as bibliotecas privadas eram mais do que meros depósitos de livros, tornando-se locais de debate intelectual, consideradas uma extensão da identidade e *status* social dos proprietários.

A formação das primeiras coleções de livros ocorreu, principalmente, nas bibliotecas dos *daimyos*, que se tornaram um símbolo de prestígio e poder social (Shindo, 2022). Os livros eram categorizados por gênero e tema, e diversos casos eram acompanhados de comentários e anotações feitas pelos próprios proprietários.

As bibliotecas privadas também atuavam na transmissão do conhecimento e no desenvolvimento cultural, nas quais vários *daimyos* encorajavam seus vassalos e familiares a estudar nas bibliotecas, promovendo assim a educação e o desenvolvimento intelectual dentro de suas esferas de influência (Nishiyama, 1997).

A disseminação da cultura escrita no Japão feudal foi um marco significativo na história das bibliotecas através dos templos budistas, e das práticas de cópia e preservação de textos sagrados. A cultura escrita começou a se espalhar e a influenciar a formação das primeiras coleções bibliográficas no país, concomitando nas bibliotecas privadas dos *daimyos* (Yamada, 2024).




A cópia das sutras e textos sagrados foi uma prática importante nas bibliotecas dos templos budistas, os monges com habilidades em caligrafia chinesa,

utilizavam pergaminhos de seda ou papel para fazer cópias dos textos. Essas cópias eram consideradas sagradas e valorizadas como veículos de conhecimento espiritual e religioso (Yoshida, 2002).

Com o passar do tempo, a cópia dos sutras estendeu-se para além dos templos budistas, e passou a ser realizada também em outros locais, como nas bibliotecas privadas. A prática de copiar textos sagrados não apenas garantia a disseminação do conhecimento, mas também conferia mérito religioso aos monges e praticantes que se envolviam nesse trabalho (Yamashiro, 1986).

Durante o período *Edo*, o xogunato Tokugawa destacou no desenvolvimento das bibliotecas no Japão. Com o governo centralizado, o xogunato implementou políticas e regulamentos que moldaram as atribuições e a organização das bibliotecas nesse período (Jun'Ichi; Woodson, 2004). O xogunato Tokugawa, fundado por Tokugawa Ieyasu em 1603, foi o mais longo e mais estruturado entre os três xogunatos:

Quadro 1 – Os brasões dos xogunatos no Japão.

| Xogunato <i>Kamakura</i> 1185 a 1333 d.C | Xogunato <i>Ashikaga</i> (ou <i>Muromachi</i>), 1336 a 1573 | Xogunato <i>Tokugawa</i> (ou <i>Edo</i>), 1603 a 1868) |
|---|---|---|
|  |  |  |
| Brasão Kamakura | Brasão Ashikaga | Brasão Ashikaga |

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelo autor (2024).

Cada um dos xogunatos teve um papel único no desenvolvimento das bibliotecas no Japão. No xogunato *Kamakura*, as bibliotecas estavam amplamente limitadas aos templos budistas, onde textos religiosos eram preservados. O xogunato *Ashikaga* viu o início de uma maior importação de textos chineses e a criação de acervos em templos *zen* e nas bibliotecas privadas (Yamada, 2024).

No xogunato *Tokugawa*, o surgimento de escolas, a impressão em xilogravura e o desenvolvimento de coleções privadas, consolidaram as bibliotecas como

instituições de preservação e disseminação do conhecimento, preparando o terreno para as futuras bibliotecas públicas no Japão (Santos, 2011). Assim, os xogunatos foram baluartes para o desenvolvimento gradual das bibliotecas e da educação no Japão.

Uma das características notáveis do xogunato *Tokugawa* foi o *sakoku* (isolacionismo), que limitou drasticamente o contato do Japão com o mundo exterior, exceto por canais controlados, como os comerciantes holandeses em Nagasaki, impondo um rígido controle sobre a sociedade japonesa (Sugimoto, 2003).

Os portugueses que estiveram presentes no Japão entre o período 1543 até 1639, com a ascensão do xogunato *Tokugawa*, foi proibido no território japonês, o comércio com os portugueses, com a expulsão de todos os missionários e comerciantes portugueses do país (Thomaz, 1993).

Essa ação foi parte do movimento mais amplo para controlar a influência estrangeira e limitar o cristianismo, que era visto como uma ameaça à ordem social e política do Japão. As igrejas e mosteiros foram fechados ou destruídos, e os seguidores do cristianismo foram forçados a praticar sua fé em segredo, levando a um período de clandestinidade para o cristianismo no Japão (Larini; Costa; Menezes, 2023).

Apesar do isolacionismo e repressão ao estrangeiro, no período *Edo* ocorreram avanços na educação e na criação de bibliotecas, tanto públicas quanto privadas. No xogunato *Tokugawa*, os *daimyo* incentivaram o desenvolvimento de instituições de ensino, como as *hankō* (escolas feudalistas) e *terakoya* (escolas para plebeus), onde estudantes tinham acesso a uma variedade de textos, incluindo obras literárias chinesas e japonesas sobre filosofia, história e ciência, resultando a criação de bibliotecas (Nishiyama, 1997).

Segundo Suzuki (2003), o xogunato *Tokugawa* reconhecia a importância da educação e da cultura para a estabilidade social, e como resultado foram estabelecidas bibliotecas oficiais, chamadas de *koshokan*, que serviam como centros de pesquisa e preservação do conhecimento para o governo e os *daimyos*.

As bibliotecas eram responsáveis por coletar e preservar documentos e registros históricos, bem como fornecer acesso às obras de referência e literatura, além de ser apoio às atividades intelectuais da elite governante e dos estudiosos (Varley, 2000).

Paralelamente ao desenvolvimento das bibliotecas oficiais, houve uma proliferação das bibliotecas privadas durante o período *Edo*. Os *daimyos* e membros da classe mercantil emergente tinham um crescente interesse pela leitura e pelo conhecimento, o que impulsionou o estabelecimento de bibliotecas privadas em suas residências que abrigavam uma ampla variedade de obras, atendendo aos interesses intelectuais e literários de seus proprietários, consideradas preciosidades e tesouros da família (Ueda, 1968).

As bibliotecas privadas não apenas atendiam às necessidades pessoais de leitura e estudo dos proprietários, mas também eram frequentemente abertas para visitação por outros estudiosos e intelectuais. Esses espaços se tornaram locais de encontro e discussão, onde os pensadores e estudiosos que podiam trocar ideias e aprofundar seus conhecimentos (Jun'Ichi; Woodson, 2004).

Embora as bibliotecas públicas como entendemos hoje não estivessem amplamente disponíveis no período *Edo*, surgiram acervos literários em templos budistas e santuários xintoístas que preservavam textos religiosos e históricos. No final do xogunato Tokugawa, algumas dessas cole es começaram a ser acessíveis. (Pereira; Suzuki, 2014).

De acordo com Ehara (2011), no período *Edo* também houve o surgimento das primeiras bibliotecas públicas no Japão que tinham o objetivo de fornecer acesso ao conhecimento e   leitura para o público em geral, independentemente de sua classe social. Uma das primeiras bibliotecas públicas notáveis foi a Biblioteca Kanazawa Bunko, estabelecida anteriormente pelo cl  *H j *, mas que floresceu durante o período *Edo*, com uma vasta gama de textos aberta ao público (Nishiyama, 1997).

O estabelecimento de bibliotecas públicas refletiu a crescente demanda por acesso à leitura e ao conhecimento por parte do público em geral, tornaram-se

símbolos da autoridade e do poder do xogunato, além de contribuírem como suporte intelectual às políticas e decisões governamentais (Yoshida, 2002).

O fim do período *Edo* em 1868, foi marcado por transformações internas no Japão, que culminaram na restauração do poder imperial, e com o aumento das pressões externas, especialmente com a chegada dos navios negros da Marinha dos Estados Unidos comandados pelo Comodoro Matthew Perry, em 1853, forçou o Japão a reconsiderar sua política de isolamento e realizar a abertura do país para o mundo exterior (McOMIE, 2006; Kunitake, 2009).

Nesse contexto, o conhecimento e a educação tornaram-se cada vez mais valiosos para preparar o país para os desafios que estavam por vir. As bibliotecas, especialmente aquelas que abrigavam textos ocidentais sobre ciência e tecnologia, foram responsáveis pela disseminação do conhecimento que ajudou a modernizar o Japão (Kunitake, 2009).

A transição do período *Edo* para o período *Meiji*, trouxe consigo uma reestruturação completa do sistema político e social japonês, e as bibliotecas tornaram centros para a educação de uma nova geração de líderes e intelectuais, alinhados com a modernização e ocidentalização do país.

2.3 Modernização e abertura do Japão para o ocidente

A abertura do Japão para o ocidente durante o período de *Meiji* (1868-1912) teve um impacto significativo na modernização do país e também nas bibliotecas, que resultou em um intercâmbio cultural entre o Japão e as nações ocidentais, trazendo consigo novas formas como as bibliotecas eram concebidas e operadas (Keene, 2002).

Os líderes japoneses reconheceram a importância do conhecimento e da informação para o desenvolvimento do país, e viram nas bibliotecas modernas um meio eficaz de promover a disseminação do conhecimento e a educação em larga escala (Suzuki, 2002). O governo japonês incentivou a criação de bibliotecas

públicas em diferentes regiões, especialmente nas áreas rurais, como parte de seus esforços para promover a educação e a disseminação do conhecimento.

As bibliotecas como dispositivo educacional e cultural tiveram destaque na promoção da alfabetização e no acesso à informação, e sua expansão refletiu a visão do governo japonês de uma sociedade educada e bem informada como base para o desenvolvimento nacional. As bibliotecas tiveram a função ativa na construção da identidade nacional, fornecendo um espaço para o estudo, a leitura e o aprendizado, ajudando a ampliar as oportunidades educacionais em áreas que antes tinham acesso limitado ao conhecimento (Keene, 2002).

Com a abertura para o ocidente, o governo japonês enviou missões de estudo para países ocidentais, como os Estados Unidos e a Europa, a fim de aprender sobre as práticas modernas de ciências e tecnologia, inclusive em produtos e serviços de bibliotecas. Essas missões trouxeram de volta ao Japão conhecimentos e experiências que foram aplicados no desenvolvimento das bibliotecas no país (Daikichi, 1985).

Segundo Suzuki (2002), a introdução de modelos ocidentais de bibliotecas e seus serviços e produtos informacionais alteraram a forma da estruturada e técnicas aplicadas em bibliotecas no Japão.

Um marco importante nesse processo foi o estabelecimento da Biblioteca Imperial de Tóquio (*KōkyōToshokan*), que se tornou um símbolo da nova era e um centro de preservação do conhecimento (Beasley, 1986), fundada em 1872 como parte dos esforços para promover a educação e a disseminação do conhecimento no país, criada com o objetivo de reunir e preservar obras literárias e acadêmicas, tanto nacionais quanto estrangeiras.

A criação da Biblioteca Imperial de Tóquio refletiu a importância atribuída ao conhecimento e à cultura na construção da identidade nacional, tornando-se um local central para a preservação da história e da cultura japonesa, bem como para a promoção do intercâmbio intelectual com outras nações (Daikichi, 1985).

Além das bibliotecas públicas, também foram estabelecidas bibliotecas institucionais em universidades, institutos de pesquisa e outras instituições

acadêmicas que contribuíram no apoio ao ensino e à pesquisa, fornecendo acesso a materiais acadêmicos e científicos (Shindo, 2023).

As obras científicas ocidentais foram traduzidas e disponibilizadas nas bibliotecas, permitindo que cientistas e estudiosos japoneses tivessem acesso às últimas descobertas e teorias científicas, proporcionando avanço científico e tecnológico no Japão, modernizando e acompanhando as tendências globais (Suzuki, 2002).

Portanto, as bibliotecas adotaram os princípios de organização e serviços da biblioteconomia ocidentais para atender às necessidades das comunidades acadêmicas, introduzindo práticas de catalogação e indexação ocidentais que foram incorporados para melhorar o acesso, organização, recuperação e uso da informação (Shindo, 2023).

Essa transformação nas bibliotecas refletiu na sociedade japonesa durante o período *Meiji*, em que o país se esforçava para se modernizar e adotar práticas ocidentais. As bibliotecas no contexto nipônico, promoveram a disseminação do conhecimento ocidental e a promoção da educação em uma sociedade que buscava acompanhar os avanços do mundo ocidental (Keene, 2002).

Um dos eventos mais marcantes no período *Meiji* foi a Guerra Russo-Japonesa (1904-1905), que colocou à prova a capacidade do Japão de competir com as potências ocidentais. Durante a guerra, as bibliotecas japonesas foi um instrumento de disseminação de informações e conhecimento estratégico (Suzuki, 2002).

Os livros e periódicos que abordavam questões militares, táticas de guerra e informações sobre a Rússia e outros países ocidentais, foram coletados e estudados pelas forças armadas japonesas e pelos intelectuais da época (Daikichi, 1985).

A Biblioteca Imperial de Tóquio serviu como um centro de referência para militares e acadêmicos que buscavam entender a guerra moderna e as tecnologias emergentes, como a artilharia e as estratégias navais (Shindo, 2023).

Personalidades influentes, como o general Nogi Maresuke, que comandou as forças japonesas durante o cerco de Port Arthur, e o almirante Tōgō Heihachirō,

responsável pela vitória naval na Batalha de Tsushima, faziam uso frequente desses recursos para planejar suas estratégias (Keene, 2002).

Outro destaque foi a construção de bibliotecas especializadas em instituições educacionais e militares. A Universidade Imperial de Tóquio (Tōkyō Teikoku Daigaku), criada em 1877, e a Academia Militar Imperial, estabelecida no mesmo período, desenvolveram bibliotecas que reuniam vastas coleções de obras sobre temas militares, engenharias bélicas, história e política internacional, o que foi fundamental para a formação dos novos líderes militares e civis (Keene, 2002).

Com o fim da Guerra Russo-Japonesa e a consolidação do Japão como uma potência militar emergente, o país começou a direcionar suas energias para a modernização interna, especialmente no campo educacional e científico (Suzuki, 2002).

As bibliotecas, que já haviam corroborado durante o conflito, tornaram-se ainda mais essenciais no período pós-guerra, apoiando o desenvolvimento acadêmico e tecnológico. O intercâmbio com o ocidente continuou a influenciar as práticas biblioteconômicas, enquanto as coleções foram ampliadas para incluir uma vasta gama de obras científicas e culturais, consolidando as bibliotecas como pilares na construção do Japão moderno (Shindo, 2023).

2.4 Reformas educacionais e culturais entre os períodos *Taisho* ao *Heisei*

Entre o período *Taisho* (1912 a 1926) ao *Heisei* (1989 a 2019), o Japão passou por transformações sociais, políticas e tecnológicas que influenciaram a organização das bibliotecas, desde uma Era de guerra até reconstrução florescente da vida cultural e intelectual, o que refletiu no aumento das atividades de leitura e na criação de bibliotecas públicas e acadêmicas, impulsionadas pela urbanização e pela disseminação da educação ocidental (Bix, 2016).

O desenvolvimento das bibliotecas no Japão moderno esteve intimamente ligado às reformas educacionais e culturais, bem como à industrialização e

urbanização do país, que aumentaram a demanda por acesso à informação e preservação do conhecimento (Shindo, 2023).

O período *Taisho* foi uma era de transição política e cultural, caracterizada por mudança para o liberalismo e a democracia, conhecida como “*Democracia Taisho*”. O Japão nesse período, procurou expandir suas instituições educacionais, culturais e científicas, e as bibliotecas, que já tinham começado a se desenvolver de forma moderna durante o período *Meiji* (1868-1912), continuaram a expandir em infraestrutura e tecnologia (Suzuki, 2002).

Segundo Pereira e Suzuki (2007), o aumento das taxas de alfabetização e a industrialização durante uma era *Taisho* estimulou a necessidade de novos materiais de leitura, o que levou a um aumento na construção de bibliotecas públicas, especialmente nas cidades maiores, como Tóquio e Osaka. Nesse período, o governo também começou a investir em bibliotecas universitárias, uma vez que a educação superior se tornava cada vez mais acessível.

O fim do período *Taisho* (1912 a 1926) e o início do período *Showa* (1926 a 1989) ficou marcado pela transição na história do Japão, caracterizada pela militarização e intensificação de questões sociais e políticas internas (Hane, 2001).

A ascensão do período *Showa* sob o imperador Hirohito (1901–1989), o Japão mergulhou em um cenário de crescente autoritarismo e expansão militar, levando à redução do foco em iniciativas culturais mais liberais, como a expansão das bibliotecas (Bix, 2016).

O imperador Hirohito, também conhecido como Imperador Showa, foi o 124º imperador do Japão, governando de 1926 a 1989. Seu reinado incluiu a segunda guerra mundial (1939-1945), a subsequente rendição do Japão, e a reconstrução do país no pós-guerra sob ocupação norte-americana (Bix, 2016).

Na era *Showa* as bibliotecas no Japão, tanto públicas quanto privadas, continuaram a atividade de preservação de informações e na disseminação de conhecimentos, servindo como recursos para consolidação do pensamento acadêmico e a formação intelectual durante esse período, especialmente no

contexto das tensões entre modernização e conservadorismo político (Shindo, 2023).

O marco temporal do período *Showa* foi longo e complexo, cobrindo a fase do Japão antes, durante e depois da segunda guerra mundial. No início desse período, a modernização continuou, e as bibliotecas começaram a introduzir métodos mais sistemáticos de catalogação e preservação de materiais (Martinez, 2007).

No percurso do período *Showa*, especialmente na fase anterior e durante a segunda guerra mundial, o Japão viveu um cenário de forte militarismo e imperialismo. O governo japonês, sob a liderança do imperador Hirohito, introduziu uma política expansionista, buscando aumentar sua influência na Ásia, gerando o contexto de guerra e nacionalismo exacerbado, consequentemente afetando em várias esferas a sociedade, incluindo o sistema de bibliotecas públicas e privadas (Hotta, 2013).

Antes da segunda guerra mundial, o governo japonês já vinha promovendo um controle rigoroso sobre a disseminação da informação, ou seja, logo no início do período *Showa*, o Japão já esteve envolvido em conflitos, como a invasão da Manchúria em 1931, que resultou na criação do Estado fantoche de Manchukuo (Beasley, 1986).

Com a militarização crescente e a preparação para o conflito em grande escala, o governo começou a aplicar políticas de censura, a controlar o conteúdo das bibliotecas e a circulação de materiais que poderiam questionar ou desafiar o regime imperialista (Shindo, 2023).

As bibliotecas públicas e privadas se tornaram alvo de conduta disciplinar, e a partir de 1930, o governo impôs uma série de regulamentações que buscavam controlar o tipo de material disponível ao público (Sugimoto, 2003).

Os livros ocidentais, em especial aqueles com temas considerados contrários ao nacionalismo japonês, eram censurados ou retirados das prateleiras, incluindo obras que promoviam ideais democráticos ou pacifistas. Ao mesmo tempo, havia um esforço para promover a literatura nacionalista e militarista nas bibliotecas,

especialmente obras que glorificavam o passado com samurai, o imperador e as campanhas militares do Japão na Ásia (Yamashiro, 1986).

Segundo Fujiwara (1991), as bibliotecas públicas, especialmente nas grandes cidades como Tóquio, Osaka e Kyoto, tornaram espaços para a propaganda oficial do governo, e os materiais bibliográficos que destacavam a supremacia cultural e militar japonesa eram amplamente divulgados.

Neste contexto, diversas bibliotecas públicas políticas de desenvolvimento de coleções voltadas para a formação de cidadãos no espírito da guerra, o que contribuíram para a militarização da sociedade civil (Hotta, 2013).

Vale destacar que o ministro da educação no Japão durante a segunda guerra mundial, político e educador Yuzuru Katō, foi responsável por implementar políticas educacionais alinhadas com os ideais nacionalistas e militaristas da época, supervisionando em seu mandato, a reforma do currículo escolar que reforçou o patriotismo e o espírito de sacrifício em prol do império japonês, incluindo a censura e controle de materiais educacionais, como livros didáticos e bibliotecas (Shindo, 2023).

Com o início formal da segunda guerra mundial no pacífico, após o ataque a base militar *Pearl Harbor* dos norte-americanos em 1941, a situação das bibliotecas no Japão se deteriorou rapidamente. A prioridade do governo era a mobilização total da sociedade para o esforço de guerra, e isso incluía a transformação das bibliotecas em ferramentas para fortalecer o espírito nacionalista e a lealdade ao imperador. As bibliotecas foram usadas para disseminar propaganda de guerra e controlar a narrativa sobre o conflito (Hotta, 2013).

O Japão, ao entrar em guerra contra as potências aliadas, utilizou a *expertise* científica e estratégica fornecida pelas bibliotecas especializadas em universidades e centros de pesquisa, como o Instituto de Pesquisa Navale o Instituto de Estudos de Guerra do Exército, para subsidiar os estudos de estratégias navais, engenharia bélica e tecnologias de guerra (Beasley, 1986). O almirante Isoroku Yamamoto, responsável pelo ataque a *Pearl Harbor*, fizeram uso de materiais científicos e estratégicos destas bibliotecas para planejar as campanhas militares (Stille, 2012).

Nesse cenário, as bibliotecas no Japão foram obrigadas a remover livros considerados perigosos ou subversivos, implantado a censura a materiais estrangeiros, sendo retiradas das prateleiras das bibliotecas, as obras de origem ocidentais (Shindo, 2023).

Segundo Bix (2016), durante o período de guerra, o governo japonês incentivou o uso das bibliotecas para promover a educação patriótica, com a disseminação de materiais que enfatizaram o papel glorioso do Japão no cenário internacional e a legitimidade de suas conquistas territoriais.

Com a escassez de recursos no percurso da guerra também afetou as bibliotecas, devido ao racionamento de papel e outros materiais, as bibliotecas não puderam manter seus acervos atualizados ou preservar os livros existentes. As bibliotecas privadas, muitas vezes pertencentes a famílias ou escolas, enfrentam ainda mais dificuldades para manter seus acervos, especialmente devido aos bombardeios intensivos nas cidades japonesas, que resultaram na destruição de várias coleções (Shindo, 2023).

Após a derrota do Japão em 1945, o impacto da guerra sobre as bibliotecas tornou-se ainda mais evidente. As cidades japonesas foram devastadas pelos bombardeios aliados, e diversas bibliotecas públicas e privadas foram destruídas ou danificadas. Em Tóquio, por exemplo, grande parte do acervo da Biblioteca Imperial, hoje a Biblioteca Nacional da Dieta, foi perdida devido aos bombardeios (Beasley, 1986).

Sob a ocupação norte-americana (1945-1952), liderada pelo general Douglas MacArthur, comandante as forças aliadas no pacífico, o Japão passou por uma série de reformas políticas, sociais e culturais no processo de redemocratização e reconstrução, incluindo a redação da Constituição do Japão em 1947 (Sansom, 1958).

Uma das prioridades foi a reestruturação do sistema educacional e cultural japonês, incluindo as bibliotecas. A censura foi retirada, e as bibliotecas foram incentivadas a adquirir obras estrangeiras, especialmente àquelas que promovem

ideais democráticos. Os Estados Unidos também forneceram ajuda financeira e técnica para o reforço das bibliotecas danificadas pela guerra (Shindo, 2023).

De acordo com Dower (2019), o pós-guerra trouxe uma renovação intelectual, e as bibliotecas se tornaram centros de reconstrução cultural. Esse período também testemunhou a importação de livros ocidentais, que passaram a fazer parte do acervo das bibliotecas, permitindo que os japoneses tivessem acesso a uma vasta gama de ideias e conhecimentos internacionais.

Destaca-se também neste período, a criação da Biblioteca Nacional da Dieta, fundada em 1948, em um contexto pós-segunda guerra mundial, como parte dos esforços para reconstruir o país e suas instituições democráticas. Localizada em Tóquio, a biblioteca foi criada para servir como a principal fonte de informação para a Dieta Nacional, o parlamento japonês, e suas funções vai além de simplesmente armazenar livros, com objetivo de apoiar a pesquisa legislativa e fornecer aos membros da Dieta os recursos necessários para a elaboração de leis e políticas (Shindo, 2023).

Entre os anos de 1950 até o fim do período *Showa*, o Japão se reergueu como uma nação democrática, buscando modernização e ocidentalização, impactando a estrutura e na função das bibliotecas no Japão. A nova constituição, promulgada em 1947, garantiu a liberdade de expressão e o direito à educação, o que levou a um aumento no acesso à informação e ao fortalecimento das bibliotecas como instituições essenciais para a promoção da cultura e do conhecimento (Fujiwara, 1991).

Com o início do chamado "*milagre econômico japonês*" na década de 1960, as bibliotecas enfrentaram novos desafios e oportunidades. O rápido crescimento econômico e a urbanização levaram a um aumento na demanda por informações em diversas áreas, incluindo tecnologia, ciência e negócios (Yamashiro, 1986).

Para atender a essas novas necessidades, as bibliotecas começaram a diversificar suas coleções, incorporando publicações estrangeiras e periódicos especializados. Essa expansão ocorreu no contexto em que a globalização começava a influenciar a sociedade japonesa (Shindo, 2023).

Com fim do período *Showa*, marcado pela morte do imperador Hirohito em 1989, as identidades culturais e a função das bibliotecas na sociedade japonesa foram alteradas, pois as bibliotecas não apenas mantiveram sua atribuição como instituições de preservação do conhecimento, mas também se adaptaram às mudanças tecnológicas, incluindo o início da digitalização de coleções e a utilização de mídias eletrônicas (Shindo, 2023).

A transformação das bibliotecas em centros de informação e pesquisa foi um reflexo das novas demandas de uma sociedade em rápida evolução. Esse contexto preparou o terreno para as bibliotecas no período *Heisei*, onde o desafio de equilibrar a tradição com a inovação se tornaria cada vez mais pronunciado, reafirmando as bibliotecas como pilares da educação e da cultura no Japão contemporâneo (Hotta, 2013).

No período *Heisei* (1989 a 2019), as bibliotecas no Japão entraram na era digital com a expansão da internet e das tecnologias da informação, que promulgaram mudanças na maneira como as bibliotecas operavam, ou seja, iniciou neste período o processo de digitalização de acervos e oferecimento de serviços *online*. A Biblioteca Nacional da Dieta, por exemplo, lançou seu programa de digitalização em grande escala, tornando os documentos históricos e materiais de pesquisa acessíveis pela internet (Shindo, 2023).

O Japão também passou a valorizar a preservação de seu patrimônio cultural, e as bibliotecas corroboraram na conservação de manuscritos antigos, sutras budistas, documentos governamentais e obras literárias. O governo japonês também investiu na modernização de bibliotecas universitárias e especializadas, que se tornaram centros de pesquisa avançada e inovação tecnológica (Henshal, 2004).

Martinez (2015) aponta que a globalização do conhecimento tornou um fenômeno predominante durante o período *Heisei*, na qual as bibliotecas japonesas, especialmente de grandes universidades, como de Tóquio e Kyoto, passaram a colaborar com instituições internacionais para compartilhar e acessar informação. A criação de redes de bibliotecas digitais permitiu o intercâmbio de informações entre

o Japão e o mundo, com participação japonesa em consórcios internacionais de bibliotecas.

2.5 O advento da era digital nas bibliotecas no período *Reiwa*

A era digital iniciada durante o período *Heisei* foi ampliada no período *Reiwa* (2019-presente), que trouxe consigo uma série de transformações e desafios para as bibliotecas, considerando que as tecnologias digitais têm alterado a forma que as informações são armazenadas, acessadas e compartilhadas (ALA, 2018). Nesse prisma, as bibliotecas também precisaram se adaptar e incorporar as novas abordagens de tecnologia para lidar com o mundo digital.

As tecnologias digitais permitiram o desenvolvimento de bibliotecas digitais e repositórios *online*, expandindo o acesso à informação de forma global, que possibilitou que usuários em qualquer lugar do mundo pudessem acessar e explorar coleções digitais ricas em conteúdo bibliográfico (Santos; Assunção, 2013).

As bibliotecas japonesas buscam ampliar e melhorar seus serviços digitais, oferecendo acesso aberto a *e-books*, revistas eletrônicas, repositórios, bases de dados e recursos de aprendizado virtual, para atender às demandas dos usuários por acesso rápido à informação, independentemente de sua localização geográfica (Kon; Takayama, 2013).

Entre as iniciativas com destaque é a Biblioteca Digital Nacional do Japão, operada pela Agência da Biblioteca Nacional do Japão, que tem como objetivo disponibilizar materiais digitais de forma aberta e gratuita para o público, oferecendo acesso a uma variedade de recursos, incluindo livros, mapas, fotografias e documentos históricos (Ito, 2020).

Outras bibliotecas digitais no Japão também contribuem para o acesso aberto, como a Biblioteca Digital Japonesa de Periódicos, que disponibiliza artigos de periódicos acadêmicos japoneses (Kon; Takayama, 2013). As bibliotecas no Japão têm adotado inovações tecnológicas para aprimorar seus serviços e ampliar o acesso à informação, visando melhorar a experiência do usuário.

A inteligência artificial também tem sido empregada nas bibliotecas japonesas para aprimorar a pesquisa e recuperação da informação, fornecendo recomendações personalizadas com base nas preferências dos usuários, orientações e até mesmo realizando tarefas como empréstimos e devoluções de livros (Ito, 2020).

As bibliotecas no Japão têm buscado parcerias com museus, arquivos e outras instituições culturais para promover a preservação e a acessibilidade do patrimônio cultural, incluem projetos de digitalização conjunta, exposições virtuais e compartilhamento de recursos bibliográficos e arquivísticos (Kon; Takayama, 2013). Essas iniciativas fortalecem a disseminação do conhecimento e contribuem para o avanço da pesquisa e da cultura no Japão.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, exploramos a história da biblioteca no Japão, desde suas origens até os dias atuais, onde foi possível observar como as bibliotecas participaram do processo de desenvolvimento da cultura, na disseminação do conhecimento e na construção da identidade nacional japonesa.

Conforme analisado, no período antigo das bibliotecas no Japão foram influenciadas pelas práticas e conhecimentos trazidos da China. Os templos e mosteiros budistas buscaram a preservação de textos sagrados e literatura. Durante o período *Edo*, o xogunato *Tokugawa* exerceu uma influência no desenvolvimento das bibliotecas, por meio de política de controle e centralização do conhecimento, surgiram bibliotecas privadas, promovendo a disseminação da cultura escrita e a formação de coleções valiosas.

Com a abertura do Japão para o ocidente no final do século XIX, as bibliotecas japonesas passaram por um processo de modernização. A introdução das bibliotecas ocidentais trouxe novas abordagens de organização e disseminação da informação, além da adoção de sistemas de classificação e catálogos bibliográficos.

No contexto contemporâneo, as bibliotecas no Japão enfrentam desafios e transformações diante do avanço tecnológico e das demandas da sociedade. A era digital trouxe consigo a necessidade de adaptação das bibliotecas, com o surgimento das bibliotecas digitais e o acesso aberto, permitindo o compartilhamento amplo e gratuito de recursos digitais.

Diante dessas tendências futuras, as bibliotecas no Japão apresentaram como exemplo de continuidade e adaptabilidade para desenvolver em contexto diversos, garantindo o acesso equitativo à informação, preservando o patrimônio cultural e atendendo às necessidades da sociedade.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION - ALA. **Digital literacy**. 2018. Disponível em: <http://www.ala.org/tools/atoz/digital-literacy>. Acesso em: 28 jun. 2023.
- BEASLEY, W. G. **Japanese imperialism (1894-1945)**. Oxford: Clarendon Press, 1986.
- BENEDICT, R. **O crisântemo e a espada: padrões da cultura japonesa**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- BIX, H. P. **Hirohi to and the making of modern Japan**. New York: Harper Perennial Modern Classics, Reprint Edition, 2016.
- BUENO, A.; SHOJI, R. **Daoismo confucionismo xintoísmo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2023.
- CARNEIRO, M. S. **A adaptação jesuítica no Japão do final do século XVI: entre a história de Fróis e o cerimonial de Valignano**. 2013. 144f. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- DAIKICHI, I. **The culture of Meiji period**. Princeton: Princeton University, 1985.
- DOGEN, E. **Shobogenzo**. Trad. Dokusho Villalba. Barcelona: Ed. Kairos, 2015.
- DOWER, J. W. **The violent american century: war and terror since world war II**. Chicago: Haymarket Books, 2019.
- EISAI, M. **Kissa Yojoki**. Tōkyō: Kadokawa, 2012.
- EHARA, T. **Shogun e daimyo**. Maryland: Different Worlds Publications, 2011.

FONSECA, R. L. **História pública e orientalismo**: investigações sobre cultura oriental e zen budismo. 2022. 212 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Paraná, Paranaíba, 2022.

FUJIWARA, A. **Shōwaten'nō no jū go-nensensō** (Guerra de quinze anos do imperador Showa). Tōkyō: Aoki Shoten, 1991.

FUTIDA, C. A. **Institucionalização das seitas Rinzai e Sôtō Zen no Japão dos períodos Kamakura e Muromachi**. 2001. 70 f. Dissertação (Mestrado em Letras - Língua Literatura e Cultura Japonesa) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

HANE, M. **Japan**: a modern history. Boulder: Westview Press, 2001.

HENSHAL, K. **História do Japão**. Lisboa: Edições 70, 2004.

HOTTA, Eri. **Japan 1941**: countdown to infamy. New York: Knopf, 2013.

ITO, T. **Kugaku to risshin to toshokan paburikku** (Estudos áduos, sucesso, bibliotecas públicas e o Japão moderno). Tokyo: Seikyusha, 2020.

JIE, C. **Shogunate**: Kamakurashogunate. Xian: Shaanxi Publishing Group, 2013.

JUN'ICHI, T. WOODSON, Y. **Lords of the samurai**: the legacy of a daimyofamily. San Francisco: Asian Art Museum, 2009.

KEENE, D. **Emperor of Japan**: meiji and his world, 1852–1912. New York: Columbia University Press, 2002.

KON, M.; TAKAYAMA M. **Gendai nihon no toshokankōsō** (Conceito contemporâneo de biblioteca japonesa: reforma pós-guerra e seu desenvolvimento). Tokyo: Benseisha, 2013.

KUNITAKE, K. **Japan rising**: the Iwakura mission to the USA and Europe. New York: Cambridge University Press, 2009.

LARINI, W. C. F.; COSTA, C. J.; MENEZES, S. L. Portugal e Japão no século XVI: encontros e desencontros no processo civilizador. **Dimensões - Revista de História da UFES**, Vitória, n. 50, p. 248-267, 2023.
DOI: <https://doi.org/10.47456/dim.v50i50.38715>.

LUIZ, L. H. Os diferentes xintoísmos no Japão pós Restauração Meiji: definições e abrangências. **Oficina do Historiador**, São Leopoldo, v. 14, n. 1, p. e37634, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unisinos.br/index.php/odhis/article/view/e37634>. Acesso em: 3 out. 2024.

MARTINEZ, D. P. **Modern japanese culture and society**. London; New York: Routledge, 2007.

McOMIE, W. **The opening of Japan, 1853-1855: a comparative Study of the American, British, Dutch and Russian Naval Expedition to Compel the Tokugawa Shogunate to Conclude Treaties and Open Ports to Their Ships in the Years 1853-55**. Folkestone: Global Oriental, 2006.

MURAKAMI, H. **La biblioteca secreta**. Barcelona: Libros del Zorro Rojo, 2014.

NAKAMURA, T. **Nihon Kodai no Shiseisei**. Tōkyō: Yagi Shoten, 2009.

NITTA, I. **Taiheiki no Jidai**. Tōkyō: Kōdansha, 2001.

NISHIYAMA, M. **Edo culture: daily life and diversions in urban Japan, 1600-1868**. Honolulu: University of Hawaii, 1997.

OLIVEIRA, A. G. C. Religião e arte como propaganda de guerra japonesa no Brasil. **Revista de Letras**, São Paulo, v. 59, n. 2, p. 21-43, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/article/view/14344/9776>. Acesso em: 7 out. 2024.

PEREIRA, R. A.; SUZUKI, T (orgs.). **O Japão no caleidoscópio: estudos da sociedade e da história japonesa**. São Paulo: Pontes, 2014.

SANSOM, G. **A History of Japan (1334-1615)**. Califórnia: Stanford University, 1958.

SANTOS, A. F. dos. **A contribuição do confucionismo para as inter-relações doutrinárias presentes no pensamento japonês durante a formação do período Edo (séc. XVII)**. 2011. 172 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SANTOS, C. M. dos; ASSUNÇÃO, S. S. Biblioteca digital: uma evolução da biblioteca convencional. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/17375>. Acesso em: 7 out. 2024.

SHINDO, T. **Nihon no toshokan no hajimari: Nihon ni okeru Seiyō toshokan no juyō (O início das bibliotecas japonesas: a recepção das bibliotecas ocidentais no Japão)**. Tōkyō: SanwaShoseki, 2023.

SHINDO, T. **Kodai Nihon niyūkeru `toshokan' no Kigen**. (A origem das bibliotecas no Japão antigo). Tokyo: Josombo, 2022.

STILLE, M. **Yamamoto Isoroku**. New York: Bloomsbury Publishing, 2012.

SUGIMOTO, Y. **An introduction to japanese society**. New York: Cambridge University Press, 2003.

SUZUKI, Tae. Cultura e sociedade japonesa: da época primitiva às origens do estado. **Estudos Japoneses**, São Paulo, n. 23, p. 75–90, 2003. DOI: 10.11606/ej.v0i23.142915. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ej/article/view/142915>.. Acesso em: 7 out. 2024.

SUZUKI, J. **Ishin no Kōsoto Tenkai** (Os propósitos e a efetivação da restauração Meiji). Tōkyō: Kōdansha, 2002.

THOMAZ, L. F. **Nanbanjin: os portugueses no Japão**. Lisboa: CTT Correios, 1993

UEDA, M. **Nihon Kodai Kokka Ronkyū**. Tōkyō: Hanawashobo, 1968.

VARLEY, P. **Japanese Culture**. 4. ed. Honolulu: University of Hawaii, 2000.

YAMADA, E. A. **A Era Edo (1603–1867) e o Japão contemporâneo (2003–2010): o multiculturalismo e a cultura de massa sob a perspectiva da história comparada nas representações de Justiça / justiça- justiceiro nos manga Vagabond (1999) e Death Note (2003)**. 2024. 165 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

YAMASHIRO, J. **Japão: passado e presente**. São Paulo: Ed. Ibrasa, 1986.

YAMAMOTO, S. **Nihonjin tososhiki**. Tōkyō: Kadokawa, 2007.

YOSHIDA, N. **Sejukusuru Edo**. Tōkyō: Kōdansha, 2002.

NOTAS E CRÉDITOS DO ARTIGO

- **Reconhecimentos:** Não se aplica.
- **Financiamento:** Não se aplica.
- **Conflitos de interesse:** Não se aplica.
- **Aprovação ética:** Não se aplica.
- **Disponibilidade de dados e materiais:** Não se aplica.
- **Manuscrito publicado como *preprint*:** Não se aplica.
- **Contribuições dos autores:**

| Contribuição | Azevedo, A. W. |
|---|----------------|
| Concepção do estudo | X |
| Conceitualização | X |
| Metodologia | X |
| Coleta de dados / investigação | X |
| Curadoria de dados | X |
| Análise dos dados | X |
| Discussão dos resultados | X |
| Visualização (gráficos, tabelas e outros) | X |
| Rascunho original | X |
| Revisão e edição final | X |
| Supervisão e administração | X |

- **Licença de uso**

O autor cede ao **Ciência da Informação Express - CIExpress** direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença *Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 International*. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.

- **Publicador**

Universidade Federal de Lavras (UFLA).

As ideias expressas neste artigo são de responsabilidade de sua autoria, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

Editor do canal de comunicação e divulgação científica Ciência da Informação Express - CIExpress

Nivaldo Calixto Ribeiro, Universidade Federal de Lavras (UFLA).

Revisor de linguística

Do autor.



• Histórico

Recebido em: 09/09/2023

Aceito em: 7/10/2024

Publicado em: 9/10/2024

Este formulário foi elaborado a partir das boas práticas sugeridas pela SciELO no seu formulário de conformidade com a Ciência Aberta e pelos formulário de Notas da Obra dos periódicos científicos: Encontros Bibli, Biblos, AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento e do formulário Crédito da Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação.

